

A Percepção De Merleau-Ponty

Introdução

Nascido Maurice Jean Jacques Merleau-Ponty, foi um filósofo francês que tinha como principal interesse a constituição do significado no mundo do ser humano. Interessava-se também pela percepção, a arte e a política.

Merleau-Ponty acreditava que o nosso corpo não era apenas um objeto da ciência mas também um objeto que pode ser estudado depois de sujeito a vários estímulos. É a partir daqui que o autor começa a sua tese, dizendo que a consciência e o corpo estão unidos de uma forma íntima. Esta união faz com que a percepção do ser tenha uma dimensão ativa, ou seja, a análise da percepção deve ser algo a levar em conta.

Ao longo deste trabalho vai ser explorado esta análise da percepção a partir de duas obras do autor bastante conhecidas.

Fenomenologia da Percepção

A “Fenomenologia da Percepção” foi publicada em 1945 por Merleau-Ponty onde é explicada a importância da percepção muito influenciada pelos manuscritos de Edmund Husserl, visto como o pai da fenomenologia¹.

Para o autor, a fenomenologia é um processo que ainda não está definido, mas afirma “a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir da sua

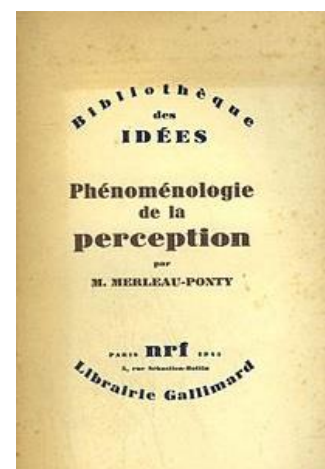


Figura 1 - Fenomenologia da Percepção, 1945, 1ª edição

¹ Estudo da experiência da consciência e da percepção.

«facticidade»². No seu trabalho, o autor tenta explicar que para compreender a existência humana, é necessário um significado da facticidade do corpo, da nossa consciência e do que foi captado pelos nossos sentidos.

Merleau-Ponty apresenta um novo termo, o «*cogito*». «*Cogito*» para o autor, é o pensamento de facto e de ser-no-mundo, isto é, «*cogito*» é uma ação. O «eu penso» contém o «eu sou», a consciência integra-se com a existência. Assim, o ser humano pensa sempre a partir da sua essência.

Podemos agora imaginar o nosso próprio mundo, a partir das várias experiências passadas, a partir do nosso conhecimento. O «*cogito*» não seria utilizado neste contexto se não tivéssemos todo o conhecimento necessário para existir. Logo, não há razão para perguntar se existem outros mundos para além do meu ou se outras pessoas interagem com o meu mundo. Isto porque os outros mundos e pessoas são dadas já dentro do mundo que eu imaginei, fazem parte desse meu mundo na forma de artefactos culturais (as nossas experiências passadas).

É aqui que Merleau-Ponty introduz a ideia do corpo como um objeto em movimento. O movimento do corpo é outra maneira, para além do conhecimento, de se relacionar com um objeto. Mas este objeto não é um mero objeto como outros no nosso mundo. Assim como Luís Aguiar de Sousa escreve no seu artigo sobre a intersubjetividade e liberdade em Merleau-Ponty “*what phenomenological analysis of the way I live my body (for example by moving it in space) reveals is that my body has a special kind of intentionality*”³. Ou seja, o corpo tem um propósito para se mexer. A mente expressa como é que o corpo tem que se mexer através da percepção e linguagem.

Esta objetividade do corpo faz com que o corpo não tenha qualquer subjetividade. E questionamos se outros corpos são reais ou se somos levados a pensar que é um corpo. Para Merleau-Ponty, esta subjetividade não faz com que seja plausível esta questão, pois só existe o nosso corpo e mais nenhum.

No final, o nosso corpo percebe o mundo e o seu próprio corpo. A percepção está aqui implícita no sentido que o corpo dá a um objeto.

² MERLEAU-PONTY, *Fenomenologia da Percepção*, 1999, p.1

³ AGUIAR DE SOUSA, *Intersubjectivity and Freedom in Merleau-Ponty's Phenomenology of Perception*, 2018, p.5

O Vísivel e o Invisível

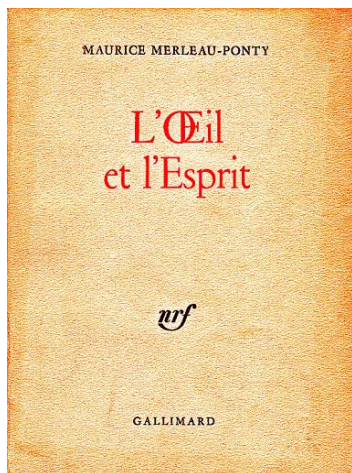


Figura 2 - O Olho e o Espírito, 1964

“O Vísivel e o Invisível” de Merleau-Ponty foi publicado em 1960 e foi das últimas obras a serem publicadas antes da sua morte. Neste livro, o autor começa por distanciar a arte da ciência acabando por analisar a arte como uma forma de visão. Esta análise é feita a partir de um paradoxo: o corpo que vê também se vê a ele próprio.

Merleau-Ponty afirma que é necessário primeiro entender o propósito de se estar no mundo através da fenomenologia, um termo já apresentado nas suas obras mais antigas.

Numa tentativa de criticar a ciência, o autor diz que a mesma recorre a métodos de distância para explicar certas teses. Contudo, na arte a interação com o mundo é feita a partir de um corpo, já que o pintor pinta aquilo que vê e conhece do mundo. Esta vista do pintor é descrita pelo autor não como uma representação do mundo mas uma representação do mundo em que o pintor existe. Merleau-Ponty continua a sua explicação ao fazer outro contraste com a ciência, afirmando que em vez da distância utilizada na ciência, na arte/pintura, o pintor anula essa distância movimentando o seu corpo. “Meu movimento não é uma decisão do espírito, um fazer absoluto, que decretaria, do fundo do retiro subjetivo, uma mudança de lugar milagrosamente executada na extensão. Ele é a sequência natural e o amadurecimento de uma visão.”⁴ Por esta razão, o autor afirma que o pintor é o único que «vê» por este ter uma visão única e diferente dos outros quando pinta um objeto.

Sabendo agora que a visão está interlaçada com o movimento, não devemos pensar que o mundo é algo exterior a nós. A isto chama-se **visão cartesiana da percepção**, uma ideia de René Descartes. A visão cartesiana da percepção é, no fundo, a ideia de que a percepção é criada a partir de ilusões como sendo a única verdade que conhecemos. Este conhecimento que temos na nossa mente poderá depois interagir com um outro corpo físico. Com isto, Merleau-Ponty diz que qualquer teoria que separe a representação da nossa mente da representação de objetos é fútil, e não deverá ser seguida.

⁴ MERLEAU-PONTY, *O Olho e o Espírito*, 2007, p.16

Merleau-Ponty nos capítulos finais da obra, invoca a teoria de *Gestalt* como inspiração para a sua explicação de como um objeto se faz visível em nós. O autor explica como um pintor tem uma melhor noção de um objeto do que uma pessoa comum, isto porque o pintor é obrigado a compreender as cores, os reflexos, as sombras de um objeto de modo a conseguir a melhor representação do mesmo, enquanto que um outro indivíduo que não tenha esta experiência, leve a visão de um objeto a um nível menos pormenorizado. Por exemplo, se observarmos uma pintura de uma paisagem e se observássemos a mesma paisagem teríamos duas percepções diferentes do mesmo «objeto», ou seja, a capacidade que um pintor tem de representar um objeto tem um nível mais íntimo do que a própria paisagem em si.

Considerações Finais:

Após esta análise de duas grandes obras de Merleau-Ponty, é possível perceber a sua necessidade de explicar a sua teoria na fenomenologia da percepção. Cada obra acrescenta algum fundamento à sua tese que a completa e faz com que seja mais facilmente entendida pelo leitor.

Toda a explicação que nos é dada é altamente influenciada por Edmund Husserl como referi no início do trabalho e utiliza bastantes vezes o exemplo dos quadros de Paul Cézanne que pintou a mesma montanha inúmeras vezes sempre com uma nova perspectiva.

Para Merleau-Ponty, o «*cogito*» é o que define a sua percepção, isto é, o facto do sujeito ter a noção que pensa faz com que a sua percepção se transforme em algo existencial. Contudo, para chegar a algo existencial, é necessário que o sujeito tenha o conhecimento do objeto. Já na segunda obra analisada, o foco é no corpo e no seu movimento. Aqui o autor afirma que o pintor é quem melhor expressa um objeto através da sua arte, criticando a ciência dizendo que é anti-individualista e que não mostra os detalhes de um certo objeto da mesma maneira que a arte faz.

Apesar de todos os seus esforços em explicar a sua teoria, achei difícil compreender a sua visão na percepção simplesmente pela razão de discordar em certos pontos, como por exemplo, a teoria de o mundo em que vivo ser fruto das minhas experiências e pensamentos. Nesta teoria o autor afirma que os indivíduos com quem me cruzo nesse mundo fazem já parte do mesmo a partir das minhas experiências passadas. Isto então quer dizer que à medida que o tempo passa e criamos

uma nova bagagem de novas experiências o nosso mundo adapta-se? Ou será que estas experiências passadas são de vidas passadas, visto que Merleau-Ponty acreditava na reencarnação?

Também fiquei com dúvidas em relação ao pintor que consegue «ver». Esta regra será apenas válida a quem se expressa pela arte? Qual seria a sua explicação para um indivíduo que analisa as mesmas características de um objeto como o pintor mas que não o consegue expressar da mesma maneira? A percepção neste caso seria igual para cada um dos casos, mas a que iriam passar para outros seria diferente, isto não implica necessariamente que o primeiro indivíduo tenha «visto» o objeto com negligência às suas características.

Em suma, consegui encontrar uma ponte de ligação entre todos os autores referidos em aula, John Berger, Merleau-Ponty, Bragança de Miranda e Vilém Flusser. Todos os autores reforçam a ideia de que as nossas experiências passadas influenciam, de alguma forma, a nossa maneira de olhar para um objeto. É interessante de encontrar esta tendência, visto que são autores e filósofos de gerações distintas, com ideias diferentes mas existe uma espécie de «base» que todos utilizam nos seus trabalhos.

Referências Bibliográficas:

AGUIAR DE SOUSA, Luís, *Intersubjectivity and Freedom in Merleau-Ponty's Phenomenology of Perception*, 2018. Consultado em 24-05-2020.

FREITAS, Simone Aparecida; OLIVEIRA, Linda Marques de; SOUZA, Selma Lopes de Oliveira Andrade; SANCHES, Valter; BERVIQUE, Janete de Aguirre, *Fenomenologia da Percepção Segundo Maurice Merleau-Ponty*, sem data. Consultado em 24-05-2020.

GALLAGHER, Shaun, *Merleau-Ponty's Phenomenology of Perception*, 2010. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/225565977_Merleau-Ponty's_Phenomenology_of_Perception>. Consultado em: 24-05-2020.

GARDNER, Sebastian, *Merleau-Ponty's Transcendental Theory of Perception*, 2007. Consultado em 26-05-2020.

MATOS DIAS, Isabel. *Isabel Matos Dias: “Merleau-Ponty”* (2015) [Registo vídeo]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=17m6ZcLi5qI&t=255s>>. Consultado em: 24-05-2020.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*, São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora, 1999

MONTEIRO, Victória, *Maurice Merleau-Ponty: o que significa “ver”?*, 2016, Disponível em: <<https://colunastortas.com.br/maurice-merleau-ponty-o-que-significa-ver/>>. Consultado em 26-05-2020.

PETRUCIA DA NÓBREGA, Terezinha, *Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty*, 2008. Consultado em 24-05-2020.

SANTANA, Ana Lucia, *A filosofia de Merleau-Ponty*, sem data. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/filosofia/a-filosofia-de-merleau-ponty/>>. Consultado em: 24-05-2020

THÉVANAZ, Pierre, *O que é a fenomenologia? A fenomenologia de Merleau-Ponty (1952)*, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912017000200013>. Consultado em 24-05-2020.

TOADVINE, Ted, *Maurice Merleau-Ponty*, 2019. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/entries/merleau-ponty/#PhenPerc>>. Consultado em: 24-05-2020.

VERISSIMO, Danilo Saretta; FURLAN, Reinaldo, *Entre a Filosofia e a Ciência: Merleau-Ponty*, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2007000300004>. Consultado em 26-05-2020.